
inclusive

Parentes de todo o mundo, desuni-vos! Vamos nos dispersar! Circular! Circular! Chega de parentada, de parentesco, de parentela. Dizem que cunhado não é parente. Digo mais: nem parente é parente. Abaixo os laços de sangue! Abaixo a família! Não é que eu não seja família, antes pelo contrário. Sou contra a expoliação da família pelos parentes. Sou familiar e caseiro. Tanto que sou a favor da amizade. A amizade é um sentimento isento de taras hereditárias. Não há laços de sangue, de círculo vicioso. Só a amizade nos salvará. Mas nada de amigo oculto. Só às claras. Parente, pra ser parente, precisa ser amigo. E amigo, pra ser amigo, também. Não há parentes, só amigos. Só há parentes: os amigos. São laços de afeto e compreensão. Mesmo o contraparente é perigoso. Sobre tudo se estiver de malas na mão. São duas coisas que, quando vejo juntas, tremo: laços de sangue e bagagem.

Ainda agora estava a meditar, sobre um caso próximo. Familiar mesmo, quase um caso de família. Uma casa de família. Naquele tempo eu era menino, tinha dois irmãos, éramos todos mais ou menos da mesma idade. Morávamos no Rio, que era a capital da República, e dava para o mar. Nesta ocasião veio visitar-nos, para passar uns dias, nosso tio mineiro, R., do interior, lá do Triângulo. Tinha vaguissimas memórias dele, dos primórdios. Admirava-o. Sua fama era grande, mas não sabia bem por que. Lembro-me que chegou de bagagem. Guardou duas ou três malas em cima de um guarda-roupa, dormiu duas ou três noites em casa, e em seguida ausentou-se. Foi passar umas

semanas na casa de outros parentes, irmã e cunhado, num conjunto residencial, nos subúrbios. Lá foi ficando, ficando, até que um dia tocaram a campainha de casa. "— Aí é que mora o sr. R.?" Quem atendeu a porta foi a Isaura, a empregada. Falou: "— O sr. R. é irmão da dona M., mas não mora aqui, não. . . " Minha mãe chegou-se à porta neste momento, a tempo de ouvir do emissário: "— É pra ele comparecer à Décima Terceira D.P., para prestar depoimento. Uma arma dele serviu para um assalto, houve um morto, o outro agoniza. . . " Minha mãe falou: "— O que é, moço, quem morreu? . . . O quê que o R. tem a ver com isso?" O homem: "— É uma intimação. O comissário espera por ele". E ela: "— Mas quem morreu? O que é isso, moço? . . . " O emissário despediu-se, minha mãe botou a mão na cabeça. Ficou transtornada. Mas o R., cadê o R.? O que foi que houve? Terá sido mais uma?

Durante uns dias a vida lá em casa foi um burburinho. Depois de muitas tentativas, R. recebeu um recado e apareceu lá em casa. Explicou-se. O caso foi que ele deu um revólver 38, cano curto, privativo das Forças Armadas, em consignação num botequim da esquina, em troca de um crédito, e, enquanto isso, por conta disso, ele ia tomando umas e outras, beliscando uns tira-gostos. . . O dono do botequim, por sua vez, emprestou a arma pra um tenente do Exército, que interessou-se por fazer uns testes. O tal tenente, que era cabo, cometeu um assalto à mão armada, a vítima reagiu, ambos atiraram. A procedência da arma foi investigada, vai daqui, vai dali, foi o



—
Cacaso

que se viu: meu tio R. de intermediário, numa história de assalto e morte, entre um militar e uma arma privativa das Forças Armadas. Só podia ser ele. E, por isto, é que bateram lá em casa. Ali morava minha mãe, com os filhos, e mais o marido. Este, nas questões familiares, e em outras, permanecia ausente. Foi uma confusão dos diabos. R. não era o assaltante, mas o 38 impróprio para civis era seu. . . Até provar que boi não é abóbora, que havia uma fatalidade em tudo aquilo, foi um custo. Foi preciso a intervenção do Albertinho, que era advogado e primo, e que demonstrou ter influências. Minha mãe, por via das dúvidas, resolveu dar uma olhada nas tais malas em cima do guarda-roupa. Qual foi o seu susto! As malas estavam cheias: de punhais, facas, canivetes, bombas, espingardas, pregos, carretéis, giletes, armas brancas e de fogo. . . Pânico. Minha mãe exigiu a presença do R., queria uma explicação. R. estava calmo. Falou: " —

Não foi nada. Inclusive, o senador está ao par de tudo. . . Aliás. . . " Que senador? Não foi possível saber. A história ficou assim, meio nublada, mas R. carregou com as malas, voltando com elas vazias, dias depois. O clima ainda estava meio turvo quando veio a notícia lá do conjunto residencial, de que uma pobre doméstica, por nome Nicinha, tinha sido deflorada por R., que negava de pés juntos. A infeliz teria engravidado, queria garantias. Também este pepino foi contornado, aos poucos caiu no esquecimento.

A partir daí, tio R. ficou em nossa casa mais um mês, sem que nada de anormal sucedesse. Comia muitas alfaces, folhas verdes, rodela de tomate e beterraba. Bebia muita água. Andava melancólico, reticente. Certo dia minha mãe estrilou: quem é que andava mijando nas bordas da privada, no banheirinho da entrada, reservado às visitas? Quem era o desleixado que mijava no chão? Se ti-

aliás . . .

nha vaso, se tinha papel, por que sujar o assoalho? Que absurdo era aquele? Quem era o porco? Eu dizia: "— Não fui eu". E meus irmãos: "— Não fomos nós". E todo dia, a mesma porcaria. Vivíamos um ambiente de mistério. Certa manhã, minha mãe desvendou tudo. Pé por pé, acompanhou R. até o banheiro que, de porta semi-aberta, caprichosamente, mijava rente às bordas do vaso. Assim que completava uma volta, retornava, mirando sempre na beirinha, minuciosamente, como se executasse um trabalho de precisão. Minha mãe caiu das nuvens. Deu-lhe uma bronca daquelas, quase desesperada. Tio R. não perdeu a calma: "— Aliás. . . ; inclusive. . ." Desta vez meu pai, sempre ausente, fechou a carranca. Durante uns dias, R. sumiu. Antes, avisou que ia marcar sua viagem de volta. Quando parava em casa telefonava, telegrafava, escrevia cartas. Dava expedientes. Não se sabe como, arranjou algum dinheiro, e começou a comprar bichos. R. era um amante da fauna. Comprou um cachorro nobre, lorde, malhado de branco e marrom, ainda novinho mas já grandalhão. O tal cachorro, dizia orgulhoso, tinha parentes até na Inglaterra. Deu 500 contos por um canário do reino, que tritava de bico fechado, frágilíssimo, e que em dois dias bateu as botas. Comprou um galo indiano de pescoço pelado, uma sumidade. Seria o reprodutor de sua rinha, quando voltasse para o Triângulo. Comprou um garnizé cujo avô pertenceu ao príncipe Aga-Khan, ex-marido daquela atriz cujo amante era boxer. Comprou uma tartaruga de 300 anos, que pesava uns dez quilos, um colosso de raridade. Comprou três coelhos australianos, híbridos, reprodutores das arábias. Comprou um gato angorá de origem chinesa, aristocrata, arredio. E foi comprando espécies menos nobres, ajuntando tudo. A bicharada, enquanto a viagem não chegava, ficava amontoadas na área de serviços. O tal cachorro inglês, desacostumado com a vida de apartamentos, e acho até que com a vida em geral, deu de correr pelo corredor da casa, desesperado, vendendo saúde. Correr é apelido. Galopava. Ventava. Marcava um rumo, concentrava-se, grunhia alguma coisa, e se largava. . . Ia tomando impulso, cada vez mais, até que atingia a velocidade da agonia, louco, jovem, desentendido. Quando o espaço físico ia acabando, o bichão metia as unhas no assoalho, na vã tentativa de frear. Aca-

bava estourando contra a parede da sala, virava os móveis, arrancava o sinteco, latia qualquer coisa, e voltava, tinindo. Minha mãe, coitada, medrosa de cães, ficava atrás da porta da cozinha entreaberta, espiando da fresta, paralisada de horror e indignação. Enquanto isso tio R., na rua, ultimava os preparativos da volta. E o cachorrão, que recebeu o nome de Bruce, correndo de lá pra cá, latindo um latido remoto, ancestral, uma infelicidade das origens.

Até que um dia tio R. apareceu com um macaco mal encarado, de astral mais que duvidoso. O mico era agressivo, nos olhava nos olhos, imprecava, batia punheta, arrelia, criava uma discórdia generalizada. Aí minha mãe, quase nas últimas, sentenciou: "— Olha aqui, R., ou o macaco ou eu. . ." Meu pai pronunciou-se: "— R., acho que está na hora de você voltar, sua família deve estar precisando de você. . ." E ele: "— Vou na sexta, já tirei passagem. Inclusive. . . ; aliás. . ." E assim foi. No dia da partida, passou o tempo em preparativos. Fabricou uma mistura caseira, em que entravam éter, querosene, noz moscada, rum, bicarbonato de sódio, e outros líquidos que não me lembro. Sacudiu, sacudiu, e enfiou goela abaixo da bicharada e também pelas narinas. Em seguida meteu um por um dentro de um grande saco de lona, acondicionou bem, atochou bem, engraxou os sapatos, jantou mais cedo, passou perfume e foi pra rodoviária. Ouvi falar que durante a madrugada os bichos foram voltando a si, recuperando a lucidez, dentro do saco, no bagageiro do ônibus. A tartaruga latia, o cachorro miava, o mico arrepia, um galo corria atrás do outro, todos estranhando todos, dizem que foi um frege.

São duas coisas que, quando vejo juntas, tremo: laços de sangue e bagagem.

Ultimamente, pelo que soube, R. organizou um grupo de comparsas e mudou-se para Goiás. A meta era participar da construção de Brasília, a nova capital. Parece que foram golpes e mais golpes. Todos passaram a perna em todos; não ficou pedra sobre pedra. São duas coisas que, quando vejo juntas, tremo: laços de sangue e bagagem. Cruzes!

Parentes de todo o mundo, desuni-vos! Vamos nos dispersar! Circular Circular!

**Novos Estudos CEBRAP, São Paulo
n.º 14, pp. 68-70, fev. 86**

Cacaso é compositor, poeta, ensaísta.